

REVISTA
ÁFRICA[S]

E-ISSN 2446-7375
ISSN Impresso 2318-1990
Vol. 7 | Nº. 14 | Ano 2020

Marina A. M. Berthet Ribeiro
Mahfouz Ag Adnane

CONSTELAÇÕES POLIFÔNICAS: MUSICALIDADE, TESSITURAS CRIATIVAS DESDE ÁFRICA

Editor-Gerente
[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

APRESENTAÇÃO: CONSTELAÇÕES POLIFÔNICAS: MUSICALIDADE, TESSITURAS CRIATIVAS DESDE ÁFRICA

Marina Annie Martine Berthet Ribeiro¹

Mahfouz Ag Adnane²

Enquanto forma artística de expressão, a música é constantemente presente no cotidiano contemporâneo das sociedades africanas. É paradoxal notar que nos estudos africanos e áreas afins, essa prática artística não se tornou ainda um objeto comum de pesquisa.

Aspectos técnicos, práticas sociais de produção musical, compartilhamento de valores em torno das canções, gêneros musicais, emoções, expressão corporal, história da música, trajetórias de artistas são alguns aspectos que começaram a interessar os acadêmicos. No entanto, levando em consideração a diversidade de formações dos acadêmicos e as diferentes perspectivas que distanciam os pesquisadores (de áreas diversas como etno musicologia que aprofunda, por vezes, aspectos extremamente técnicos, artes, sociologia) ainda não é possível afirmar que existe um campo epistemológico consolidado de estudos africanos sobre música na sua forma mais ampla de ser tocada, ouvida, sentida e compreendida.

Atualmente, os sociólogos, antropólogos, estudiosos em artes, entre outros, têm lido e observado as diferentes expressões musicais, suas mudanças e novos gêneros musicais que ocorrem no continente africano. A profusão de estilos, de situações musicais, perspectivas interdisciplinares levam a pensar que esse campo é profícuo para os pesquisadores da área dos estudos africanos. Assim sendo, uma leitura viva dessa tradição viva permite considerar que a música é uma linguagem repleta de significados variados, ancorada nas várias estruturas da sociedade africana, que envolve sentidos, interpretações e vivências locais.

O dossiê intitulado Constelações polifônicas: musicalidade, tessituras criativas desde África foi proposto para suscitar a curiosidade dos leitores e sobretudo disponibilizar pesquisas em que a música é um objeto essencial ou central das análises realizadas. É imprescindível ressaltar que a palavra, categoria ou conceito “música” é limitada/o quando existe uma proposta de reflexão sobre os contextos culturais e sociais aos quais ela está intrinsecamente conectada. Por esse motivo, escolhemos autoras e autores que relacionam a música ao seu contexto histórico,

¹ Marina Annie Martine Berthet Ribeiro, Professora adjunta II de História da África da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFF). marinaannie@gmail.com

² Mahfouz Ag Adnane, doutor em História pela PUC SP, membro da Casa das Áfricas, Núcleo Amanar, e do Grupo de Pesquisa África do Século XX. tidjefene@gmail.com

social ou político e se debruçam sobre esse elemento cultural nas suas relações com os espaços, as pessoas e o movimento.

Na leitura desses artigos, a música se transforma, no nosso entender, em uma prática expressiva, forma cultura de ser e de se expressar. Em suma, os textos publicados sobre o tema da música desde África, possuem grande densidade porque envolvem criadoras e criadores, produtoras e produtores, contextos de produção (espaços urbanos, escola, casa, e diversos ambientes), temporalidades e territorialidades diferentes. A prática cultural atravessa os espaços, as pessoas, o modo de organizar e divulgar músicas, as gravações e as tecnologias, mas, também remete às raízes musicais e culturais africanas. Nos trabalhos disponibilizados aqui, a produção de músicas ocorre no mundo contemporâneo, nas tradições musicais ou na cena urbana cosmopolita, em situação de migração, exílio ou de viagem. As autoras e os autores anunciam a música na sua complexidade de entrelaçamento com conjunturas sociais e políticas africanas na contemporaneidade.

Os textos que compõem esse dossiê nos possibilitam uma compreensão das funções da música e apontam para os diálogos entre artistas e história, inovações e agenciamentos. As autoras e autores do dossiê traduzem, cada uma e um a partir de sua formação profissional e lugar de fala, as tessituras culturais e territoriais, o peso das dimensões política, corporal e poética das subjetividades africanas e da diáspora que se comunicam com essa expressão cultural e artística criativa. Nesse dossiê, Senegal, Moçambique, Botsuana e África do Sul são os espaços africanos mencionados. Do lado de cá, o Nordeste e São Paulo são territórios citados que herdaram de diferentes formas da presença musical africana.

Amy Niang e Abdoulaye Niang refletiram sobre o Rap no Senegal entre posicionamento sociopolítico e estratégias de cobertura de mídia, uma estética de protesto pelo prisma de ordens preestabelecidas. Os autores partem da perspectiva da música como prática estética e cultural em Dacar (Senegal) entre os anos noventa e a primeira década dos anos 2000. O agenciamento dos artistas de rap que entrou no país como gênero musical americano associado a cultura do hip hop que passaram a ser localmente imitados. Posteriormente, a prática desse gênero musical levou seus praticantes a desenvolver uma consciência política e fizeram do rap uma arma de representação política. Os rappers são artistas sociais da cena política senegalesa que procuram conquistar e consolidar sua atuação no campo mediático e no espaço público, o que lhes garante certa visibilidade.

Os espaços públicos são igualmente utilizados por Tjawangwa Dema nas suas viagens internacionais, juntamente com os espaços urbanos do Botsuana, seu lugar de origem. A autora Antonia de Thuin nos descreve o seu encontro com a poetisa no MAR do Rio de Janeiro. O artigo intitulado Poesia falada, corpo e ritmo em Tjawangwa Dema dá destaque a artista de Botsuana

nas suas atuações internacionais. A partir de reflexões sobre poesia e sua relação com música e o protagonismo dos poetas de SLAM, Antónia nos convida a descobrir o militantismo da artista. Antónia procede a uma tradução não literal de um poema de Tjawangwa Dema e recorre a diversas linguagens (como a tradução visual) para compartilhar seu entendimento sobre o trabalho.

Duas outras artistas africanas são mencionadas no artigo *Musicalidade feminina em perspectivas transnacionais*: Mariama Camara e Lenna Bahule de Miki Takao Sato. Os trabalhos artísticos dessas duas mulheres se inscrevem em uma modernidade africana, cosmopolita e vivida em São Paulo. A autora nos explica como o multiculturalismo presente na cidade é lido a partir das contribuições das diversas presenças africanas em São Paulo. A autora observa os espaços urbanos paulistanos e nos quais Mariana Camara e Lenna Bahule atuam no seu cotidiano. Mobilidade, circulação, agenciamento, desafios e questões identitárias são constitutivos das experiências vividas por Mariama e Lenna. São duas trajetórias entrelaçadas e diferenciadas que usam a música como forma de se expressar e viver sendo mulheres negras africanas.

Uma quarta artista africana ganha destaque no texto *Miriam Makeba: primeiros anos da carreira na União Sul-africana (1932-1959)* de Núbia Aguilar. A renomada artista sul-africana Miriam Makeba é assim colocada no seu contexto histórico de origem, no início de sua carreira. A trajetória política de Miriam Makeba é analisada pela pesquisadora que considera a sua história de vida, o engajamento político e o contexto histórico como elementos relacionados entre si. A trajetória da artista nos auxilia na compreensão das trajetórias individuais e coletivas dos artistas sul-africanos durante o regime do apartheid. A reflexão prossegue com análise de uma canção (da autoria do jazzista sul-africano Mackay Davshe) interpretada por Makeba e traduzida em inglês quando a artista já iniciava sua carreira internacional. A tradução da canção de uma língua para outra revela as diferenças de valores, significados e mensagens inseridos na letra cantada em duas línguas e que se dirigem a públicos sociais totalmente diferentes.

Com o artigo *Ressonâncias de “lógica oral”*: arqueologia de saberes silenciados, os autores e Ênio José da C. Brito e Antonieta Antonacci encerram nosso dossiê. Os autores propõem uma ampla reflexão sobre o passado e o devir das culturais orais. Essas são vinculadas a ideias de unidade cósmica, corpo comunitário, a razão sensorial e o pensar imagético. Do lado de lá, nos espaços africanos, as culturas orais se expandem a partir da civilização egípcia, um corpo comunitário e uma diversidade de linguagens e do lado de cá, a oralidade africana aparece na literatura de cordel a partir de duas obras, *Rabicho de Geralda* (1972) e *ABC de Lucas de Feira* (XIX). Os autores se interrogam sobre o que é possível apreender através dos saberes e memórias do corpo e dos valores éticos e estéticos, surgidos da circulação e herança dessas culturas orais. Nesses

diálogos e alteridades sul – sul, é possível imaginar novos viés de reflexão e entendimento das realidades sem passar pelo crivo da lógica eurocêntrica e sua cultura hegemônica.

Duas resenhas dialogam com a temática do dossiê. Sara Morais resenha o livro de António Sopa, *A Alegria é uma Coisa Rara: subsídios para a história da música popular urbana em Lourenço Marques (1920-1975)*. A autora entende o livro como uma reconstrução histórica de diversas manifestações musicais e a mobilização das populações moçambicanas em torno da música. Guilherme Darisbo escreve a resenha *Fela kuti: contracultura e (con)tradição na música popular africana* se referindo ao livro de Rosa Aparecida do Couto Silva.

Desejamos que a leitura dos artigos constitutivos do dossiê e aqueles de fluxo contínuo da revista, nos seus diferentes estilos e com a variedade de formação profissional dos seus autores, possam conduzir as leitoras e os leitores a inscrever a música em uma perspectiva dinâmica como prática cultural criativa e viva. A música é aqui considerada agente ativa nos espaços onde é produzida e fonte incontornável dos estudos acadêmicos contemporâneos.

Boa leitura!